

A DESMITIFICAÇÃO DA HISTÓRIA EM *A PROLE DO CORVO*, DE ASSIS BRASIL

Deivis Jhones GARLET*

RESUMO

História e Literatura constituem campos muito próximos, uma vez que ambos organizam fatos por intermédio da linguagem em uma ordem discursiva, embora mantenham suas peculiaridades. O pensador húngaro George Lukács definiu o nascimento do gênero romance histórico com Walter Scott, romancista inglês do século XIX, salientando o papel do herói mediano e da missão de desvelar a falsa consciência do novo gênero. Assim, nesse breve trabalho, adotamos as premissas de Lukács para empreender um recorte de análise do romance histórico *A prole do corvo*, de Luiz Antônio de Assis Brasil, publicado em 1978. Objetivamos apreender a concepção de História presente na narrativa ficcional e sua relação com a História oficial.

Palavras-chave: Romance Histórico; Lukács; História; Desmitificar; Assis Brasil.

O gênero romance alcançou notoriedade no final do século XVIII e início do XIX, mais precisamente após as diversas etapas de turbulências revolucionárias que então sacudiam a Europa. Entre essas turbulências salientam-se a Revolução Francesa, em 1789, e as posteriores Guerras Napoleônicas, notadamente na fase imperial (1804-1815), as quais induziram os indivíduos a se perceberem como partícipes do desenrolar do processo histórico. Nesse ambiente, aflorou o debate sobre as relações entre a Literatura e a História, uma vez que esta buscava afirmação e independência científica como relato fidedigno dos fatos históricos, ao passo que aquela se configurava como gênero romance em uma expressão artística que também representava a realidade concreta e a História. Ambas aproximavam-se por constituírem, em uma narrativa em prosa, de forma coerente e plausível, a realidade material da vida dos homens. De fato, podemos afirmar que a Literatura “invade” a História e o romance “passa a dividir com a historiografia a função de organizar os fatos em uma ordem discursiva”, conforme Santos (1996, p. 16). Então, as relações entre Literatura e História se estreitam, uma vez que o gênero romance passa a elaborar artisticamente os temas pertinentes também à

* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
E-mail: deivisjh@hotmail.com

historiografia e as duas, Literatura e História, se materializam na forma de um discurso. Se desejarmos ir mais além nesse estreitamento de relações, podemos afirmar que:

Embora os historiadores e os escritores de ficção possam interessar-se por tipos diferentes de eventos, tanto as formas de seus respectivos discursos como os seus objetivos na escrita são amiúde os mesmos. Além disso, a meu ver, pode-se mostrar que as técnicas ou estratégias de que se valem na composição dos seus discursos são substancialmente as mesmas, por diferentes que possam parecer num nível puramente superficial, ou diccional, dos seus textos (WHITE, 2001, p. 137).

Entretanto, acreditamos que, por mais próxima que seja a relação entre Literatura e História, elas não podem ser igualadas, já que o gênero romance está inscrito no âmbito da esfera artística e seus recursos discursivos são mais amplos para configuração de uma forma discursiva estética, e a História, em sua forma discursiva, apresenta-se mais limitada pelas especificações inerentes ao campo da ciência, utilizamos este termo na falta de outro mais apropriado. Evidentemente, esse é apenas um dos aspectos postos em discussão pelo autor citado acima, sendo, todavia, um aprofundamento do tema um tanto desnecessário neste trabalho. Mas, é bastante visível que Literatura e História se cruzam, sobremaneira no denominado romance histórico. Este, a despeito da taxonomia proposta por Menton (1993), distingue-se por apresentar em sua narrativa fatos históricos destacados pela historiografia, mas construídos poeticamente pelo romancista. A discussão sobre o surgimento e a caracterização do romance histórico nos remete ao pensador húngaro Georg Lukács, o qual situou o nascimento do gênero na Inglaterra do século XIX – em estreita relação com o realismo oitocentista – com o escritor Walter Scott. Lukács (2011) destacou as novidades do gênero, como a descrição dos costumes e circunstâncias que rodeiam os acontecimentos, o caráter dramático da ação, a ironia que permitiria o distanciamento da realidade e o papel relevante concedido ao diálogo; considerou a importância do gênero ao construir a narrativa em torno de um herói mediano, capaz de reunir em seu drama, ocasionado pelo fato histórico, as diferentes forças antagônicas de dada realidade concreta, de forma a constituir uma totalidade. Além dessas considerações, Lukács salientou o papel do romance histórico em problematizar a História, potencializando a libertação do espírito humano da falsa consciência, da alienação. É, sobretudo, nesse matiz que compreendemos a essência do romance histórico, ou seja, em sua potência de desvelar a falsa consciência. Assim, nesse breve trabalho, adotamos as premissas de Lukács para

empreender um recorte de análise do romance histórico *A prole do corvo*, de Luiz Antônio de Assis Brasil, publicado em 1978. Pontualmente, com os conceitos de Lukács sobre o romance histórico, pretendemos apreender a concepção de História no interior da narrativa, em especial, de como o texto literário expressa um sentir axiológico em contraste com a historiografia tradicional e de cunho positivista, e, assim, efetiva o ideal maior a ser perseguido no gênero romance histórico, qual seja, o desvelamento da falsa consciência.

A prole do corvo apresenta uma narrativa em terceira pessoa, com um narrador onisciente, o qual acompanha os dramas da personagem Filhinho Paiva, no espaço-tempo da Revolução Farroupilha (1835-1845) ou Guerra dos Farrapos. A trajetória dessa personagem, desde sua vida cotidiana na estância Santa Flora, sua incorporação ao exército farrapo, até seu regresso à estância, é marcada pela guerra, a qual não figura como mero ponto cronológico situador ou contextualizador, mas erige o drama e seus personagens, inclusive os históricos.

Para iniciarmos nossa compreensão da concepção de História presente no romance, focalizemos nossa atenção para a presença de um elemento definidor do romance histórico, ou seja, o fato histórico: a Guerra dos Farrapos. O autor compõe a narrativa com base em um fato histórico tornado mitológico pela historiografia tradicional, de cunho positivista e difusora da ideologia das camadas dominantes do Rio Grande do Sul². Nesse ponto, é importante que expressemos o nosso entendimento de ideologia, pois o trabalho abordará amiúde essa questão.

A ideologia, em uma concepção marxista, integra as superestruturas de um modo de produção, o qual é composto pela infraestrutura e as relações estabelecidas com as próprias superestruturas, em conexão de influência recíproca. Evidentemente, tudo isso deve ser apreendido nas ações humanas materiais em sociedade, ou seja, na formação social ou totalidade concreta, afinal é a ação do homem que cria ideologias. Assim, para uma época específica corresponderão ideologias também peculiares, no plural. É fato que haverá uma ideologia dominante, mas, ao mesmo tempo, ideologias em oposição a essa dominância, num processo de vida material repleto de contradições, de antagonismos, conforme Medeviédev (2012). As ideologias, portanto, não podem ser

²Uma avaliação mais aprofundada sobre a influência do positivismo na historiografia da Revolução Farroupilha pode ser apreendida no trabalho de Paulo Pezat, intitulado *O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha*.

vistas como manifestações metafísicas ou frutos da consciência individual; elas são produtos concretos que admitem a anterioridade de uma intenção, de um interesse em conceber e representar uma coisa de uma forma e não de outra. Em síntese, ideologia significa um *corpus* materializado pela ação humana em coletividade que mostra a realidade de específica maneira, em um determinado momento histórico e em determinado lugar. Nossa concepção aproxima-se da definição de Eagleton (2011, p. 10), o qual afirma que a ideologia pode ser compreendida como “as ideias, os valores e os sentimentos por meio dos quais os homens vivem e concebem a sociedade em diversas épocas”. Desse modo, é necessário que pensemos a Guerra dos Farrapos em sua dimensão ideológica, na historiografia tradicional e na narrativa literária.

Ideologicamente, a Guerra dos Farrapos, pelo viés da historiografia positivista, é apresentada como uma luta épica de todos os gaúchos, na qual grandes heróis empunharam armas em defesa de causas nobres e humanitárias. Além disso, as batalhas são descritas como grandes eventos, nas quais a bravura, a disciplina guerreira e a coragem dos gaúchos foi uma tônica. Uma descrição dessa ideologia sobre esse fato histórico é evidenciada pela historiadora Pesavento:

[...] a Revolução Farroupilha tornou-se o símbolo do espírito de bravura do povo gaúcho e de suas “tendências libertárias”. Quanto a seus principais vultos, converteram-se nos exemplos mais representativos da “raça” gaúcha, tais como altivez, coragem, desprendimento (PESAVENTO, 1985, p. 8).

Com isso, fica evidente a ótica sobre a Guerra dos Farrapos disseminada pela historiografia, configurando uma ideologia específica. No entanto, a narrativa ficcional de Assis Brasil expõe esse fato histórico sob outro ângulo, sobre outra ótica, construindo uma narrativa posicionada axiologicamente e ideologicamente de maneira contestadora. Evidentemente, compreendemos que o autor trabalha com elementos extraestéticos, como a ideologia oficial em torno da Revolução Farroupilha e os questionamentos à mesma, mas os transforma esteticamente por meio do reflexo e da refração do ato estético. Segundo Medviédev:

A literatura insere-se na realidade ideológica circundante como sua parte independente e ocupa nela um lugar especial sob a forma de obras verbais organizadas de determinado modo e com uma estrutura específica própria apenas a elas. Ela, como qualquer estrutura ideológica, refrata à sua maneira a existência socioeconômica em formação. Porém, ao mesmo tempo, a literatura, em seu “conteúdo”, reflete e refrata as reflexões e refrações de

outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, religião, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo”, a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte (MEDVIÉDEV, 2012, p. 60).

A construção de um posicionamento estético antagônico à ideologia oficial pode ser percebida, sobremaneira, no relatado cotidiano das tropas, no qual fica saliente a escassa alimentação, a precariedade das armas, a desordem e a indisciplina dos soldados, a violência animal e destituída dos nobres ideais proclamados pelas elites. Podemos perceber esses aspectos nas seguintes passagens:

- Lingüiça? Nem pra remédio. Mas, tem paciência, de noitezinha vou escondido visitar o coronel Fagundes. Lá, entre uma mentira e um garganteio, escorrego pro bolso um naco de carne bem cozinhada, com temperos, e cebola e alho porro. Ôigale miséria de acampamento, mui pobre, José. Mas, ouvi dizer que são todos assim, os acampamentos dos republicanos. Falta tudo. (BRASIL, 1978, p. 52).

Tem uma arma na mão, ou o que sobra dela. Um pau de três metros, com uma aguda lâmina na ponta, uma lança. [...] A de Filhinho está enferrujada, mas que se há de fazer, diz João Inácio, enferrujada ou não, serve pro mesmo fim. Tem, também, uma pistola de pederneira, que mostra a Melitão. – Não atira mais. Se te deram é porque não atira mais. E se atirasse, o que adianta, sem pólvora, essa miséria. (BRASIL, 1978, p. 59).

– Não desconversa, China-gorda, a ordem é de não saírem das carretas. – Acaba olha para todas as direções ao mesmo tempo, vendo o desastre: uns largando os cavalos ao pasto, os arreios pendurados nos galhos baixos, as armas se ensarilhando, a cachaça correndo. (BRASIL, 1978, p. 66).

– Está prenha! – diz o soldado, confuso, vendo a barriga que se avoluma sob o camisolão. Por um instante, Cássio parece pensar; chega-se perto da cama, pega a mão com que a mulher encobre o rosto e vê como ela chora, as lágrimas escorrendo dos olhos vermelhos. O rosto de Cássio se endurece e ele diz, entre os dentes cerrados: é bom mesmo que não venha mais um pra este mundo podre. (BRASIL, 1978, p. 128).

Dessa forma, a História positivista da Guerra dos Farrapos é desconstruída e reescrita de modo a desmitificá-la. Assis Brasil evita a celebração do fato histórico e instaura um discurso construtor de uma ideologia avessa à ideologia oficial, ou seja, dominante. Cumpre com o essencial do romance histórico que consiste em desvelar a falsa consciência, representando as agruras do cotidiano revolucionário. Além disso, a personagem histórica mais proeminente, o general Bento Gonçalves, nos é apresentada também nos moldes admitidos por Lukács, ou seja, com suas virtudes e defeitos, num plano secundário e desmitificado. Logo de início, Bento Gonçalves é alcunhado *Bambaqueré* ou *Bambá*, numa alusão a um baile típico do Rio Grande do Sul. Portanto, não há a reverencialidade requerida pela historiografia oficial. Em seguida, é mostrado

como homem comum, embora em posição superior ao soldado José Paiva, posto que general:

Bambaqueré está comendo bolachas, à porta da barraca; tira-as de um caixote revestido de folha de zinco, entremeia um sorvo de mate. Por vezes a bolacha é tão dura que tem de quebrá-la com o punho do sabre. Junta os pedaços e enfia-os na boca, mastigando miudinho. Limpa o farelo das mãos e entra na barraca, Filhinho vê a bota de verniz sumir-se na abertura. Depois de um tempo volta com um urinol na mão e despeja-o, olhando, para os lados. (...) O poncho de lã grossa, cinza e claro, desce até quase o tornozelo; está embarrado, tem muitos rasgões na altura do ombro. (BRASIL, 1978, p. 121).

Essa representação prosaica da personagem histórica, surgindo a partir do fato histórico e despojado da aura mítica, constitui outro elemento caracterizador do programa de Lukács quanto ao romance histórico, que objetiva a problematização da História e da ideologia dominante, pois permite que a narrativa ponha em primeiro plano os dramas do povo:

[...] deixa que as personagens importantes surjam a partir do ser da época, jamais explicando a época a partir de seus grandes representantes, como faziam os adoradores românticos de heróis. Por isso, elas nunca podem ser figuras centrais do ponto de vista do enredo. Pois a própria apresentação ampla e multifacetada do ser da época só pode chegar claramente à superfície mediante a figuração da vida cotidiana do povo, das alegrias e das tristezas, das crises e desorientações dos homens medianos (LUKÁCS, 2011, p. 56).

De fato, é esse procedimento que se verifica na narrativa de Assis Brasil e, assim, chegamos ao herói do romance, Filhinho Paiva – no espaço familiar – ou soldado José – no cotidiano da guerra. Filhinho é filho do coronel Chicão Paiva; mora com a família na fazenda Santa Flora e nutre um apego incestuoso pela irmã Laurita. Na fazenda, Filhinho vive sem muito compreender da guerra, chegando mesmo ao desconhecimento total dos motivos que embatem maragatos (republicanos) e caramurus (imperiais). Seu destino, entretanto, muda radicalmente quando o pai não quer mais ceder cavalos ao exército republicano e o oficial sugere a incorporação de Filhinho. Este, no seu interior e em suas ações, sofre intensamente, pois não deseja ir para a guerra; quer ficar na estância, no acolhimento da família. Filhinho aos poucos se formata como o herói mediano, capaz de pôr em cena as forças antagônicas da época. No diálogo com o padre Francisco Antônio sobre um artigo de jornal que trata da guerra – Filhinho é analfabeto – o herói quer saber pelo que vai lutar e qual a diferença entre maragatos e caramurus:

- Então, padre?
 - Padre Francisco Antônio parece surpreso: então o quê?
 - Que acha da guerra?
 - Ela existe, é feia.
 - Mas quem é que tem razão, nós, os republicanos, ou os caramurus, esses desgraçados?
 - Então tu és republicano?
 - Filhinho fica sem saber o que falar, será mesmo republicano? Mas pombas, todo mundo é maragato.
 - Republicano e maragato é a mesma coisa? – Filhinho interroga do padre, que já voltara os olhos para o jornal.
 - Huumm? Como é?
 - Republicano e maragato é a mesma coisa, tudo usa lenço encarnado no pescoço?
 - Usa.
 - E brigam por quê, com os caramurus?
 - Porque os republicanos querem a república e os caramurus não; os caramurus querem que continue a monarquia, monarquia é um sistema de governo onde quem manda é um imperador.
 - E que é sistema de governo?
 - É muito difícil explicar, acho que não entenderias, em todo o caso, posso dizer que sistema de governo é um jeito de se administrar o país. Na república, quem manda é um presidente, na monarquia é um imperador.
 - E se matam por causa disso?
- (BRASIL, 1978, p. 34).

A ingenuidade de Filhinho põe em dúvida o discurso oficial do fato histórico, que afirma o comprometimento dos soldados com a guerra e, portanto, a compreensão plena da mesma. Sem compreender muito bem a guerra, Filhinho incorpora no exército republicano, tornando-se o soldado José. Essa mudança de nomenclatura é significativa, assinalando como que um divisor de águas na vida da personagem: sai da infância e da ingenuidade para ingressar na vida adulta e dramática, sobretudo em função da guerra. Filhinho, ao longo da narrativa, caracteriza-se como o herói mediano, medíocre, intermediário advogado por Lukács como necessário ao romance desvelador da falsa consciência:

O caráter intermediário do herói, tão conveniente para o romance, é um princípio formal de composição que pode se exteriorizar na prática literária das mais variadas maneiras. (...) Trata-se apenas de encontrar aquela figura central em cujo destino se cruzam os extremos essenciais do mundo representado no romance, em torno da qual, em consequência, é possível construir todo um mundo, na totalidade das suas vivas contradições. (LUKÁCS, 2010, p. 179).

Esse aspecto, de cruzar as forças antagônicas representativas da época retratada, parece-nos evidente na construção da personagem Filhinho, como um herói mediano, reduzido à sua condição humana, e transformado dramaticamente pela guerra. De fato, a personagem põe em movimento uma série de dramas próprios e de outros soldados –

republicanos e imperiais –, expondo uma transformação interior e exterior, psicológica e física, do soldado José. Nos primeiros anos em que participada guerra, mantém uma atitude humanitária para com todos, inclusive não quer matar nenhum inimigo. Porém, na primeira escaramuça, mata um negro e um índio, e o sentimento humano de culpa o assombra. Contrasta com ele o soldado Cássio, que sente até mesmo prazer pela violência. O tempo transcorrido nas andanças vai transformando José, o qual vai sofrendo um processo de animalização, de desumanização cujo ápice se consuma no episódio em que, ao invadir uma estância caramuru, estupra uma moça:

Derrubaram portas, correram como loucos pelos corredores, facas atravessadas nos dentes. Nada ficou de pé, o homem e a mulher foram degolados na própria cama, por um soldado retaco de cabelo encarapinhado. Ei, José! Vê o que tem naquele quarto! Abriu a porta e a moça encostava-se ao armário, louca de medo. Hoje não Cássio, sou eu. E a teve no chão, entre gritos. (BRASIL, 1978, p. 162).

Dessa maneira, a Guerra dos Farrapos é representada como o evento histórico que influi na animalização do homem e, dessa forma, inverte a tradicional glorificação da mesma como um espaço-tempo de façanhas e lutas honrosas, de ideais sublimes. A alusão, desde o elemento paratextual do título, aos corvos, e em diversas passagens da narrativa, constitui a expressão poética criada pelo escritor para simbolizar os horrores inerentes à guerra, ao processo de animalização do homem – vivenciado por Filhinho e os demais soldados. Retratada desse modo, a guerra constitui o pano de fundo que erige o drama a partir de personagens medianos ou, dito de outro modo, a História é entendida a partir do modo como influi na vida concreta do povo.

A obra literária em análise apreende a totalidade da vida do homem em dada época, a partir dos dramas do povo, para explicar a interação dialética entre as contraditórias ideologias. Evidentemente, *A prole do corvo* possui um rico manancial para uma análise mais amplificada, mas acreditamos que, para o propósito desse trabalho, a relevância maior da narrativa reside na construção poética que executa, entrecruzando o fenômeno histórico e as personagens de forma a nos fornecer um discurso de revisão da historiografia oficial. Assis Brasil instala uma nova perspectiva sobre o cotidiano da Guerra dos Farrapos, sobremodo com a exposição do processo de animalização do homem, o qual se aproxima da figura simbólica do corvo, uma ave necrófaga. A simbologia do corvo é magistral como artefato artístico, uma vez que pode se associar à própria guerra, aos homens envolvidos ou aos interesses das elites.

Portanto, o romance histórico *A prole do corvo* pode ser lido pelos parâmetros de Lukács, em especial por configurar uma concepção de História que objetiva desmitificar o fato histórico, desvelando a falsa consciência e problematizando a História. Esse objetivo, em nosso entendimento, é alcançado pela narrativa ficcional ao instalar o elemento dramático em um herói mediano, na força dos diálogos e na apresentação secundária das grandes personalidades históricas. Representa a realidade (outra) de um fato histórico de forma que possa ser revivida por leitores distantes, temporalmente, do fato histórico em questão. Ao permitir isso, o romance torna-se dialético em sua interação com a realidade e sua narrativa ficcional poetiza o próprio fato histórico e os homens envolvidos, de forma a constituir-se de modo singular enquanto construção estética e como postura ideológica de questionamento ao *status quo* oficial em relação à Revolução Farroupilha.

THE DEMYSTIFICATION OF HISTORY IN THE A PROLE DO CORVO, BY ASSISBRASIL

ABSTRACT

History and Literature constitute very close fields, since both organize facts through language in a discursive order although they hold their peculiarities. The Hungarian thinker George Lukács defined the birth of the historical romance genre with Walter Scott, English romancist from the XIX century, highlighting the role of the average hero and the mission of unveiling the false conscience of the new genre. Thus, in this brief paper, the premises of Lukács were adopted to develop a historical romance analysis cut of "A Prole do Corvo" by Luiz Antonio de AssisBrasil, published in 1978. We aimed at apprehending the Historical concept present in the fictional narrative and its relation with the official History.

Key-words: Historical Romance; Lukács; History; Dismistify; AssisBrasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Luiz Antônio de. *A prole do corvo*. Porto Alegre: Movimento, 1978.

LUKÁCS, György. *Marxismo e Teoria da Literatura*. Tradução: Carlos Coutinho. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. *O Romance Histórico*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Tradução: Matheus Correa. São Paulo: Unesp, 2011.

MEDVIÉDEV, Pável N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução: Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MENTON, Seymor. *La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PESAVENTO, Sandra J. *A revolução farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13. n. 23/24, p. 255-285, 2006.

SANTOS, Pedro Brum. *Teorias do Romance: relações entre ficção e história*. Santa Maria: Editora UFSM, 1996.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 2001.